

Roberto Rodrigues, Diário de bordo

Terra e paz

Nesta época do ano é comum que instituições, famílias, pessoas façam o balanço do ano que está findando e uma análise das perspectivas do que entra.

A agropecuária e o agribusiness não têm muito a comemorar em 2000 – talvez porque as eleições municipais e o mercado morno tenham eclipsado boas novas para os produtores brasileiros – e as expectativas quanto a 2001 são escassas.

O momento é de perplexidade e alguma frustração até no que diz respeito às negociações internacionais na OMC, empurradas com a barriga pela maioria dos países ricos. É uma calmaria assustadora, porque pode ser o prenúncio de alguma borrasca.

De onde poderia vir uma nova tempestade? Que mal poderá causar aos agricultores do Brasil? A grande discussão da qual, como avestruzes, fugimos sempre, trata da Paz.

Estou voltando de uma viagem curta à Croácia e à Bósnia Herzegovina. E a tragédia de Sarajevo ressuscitou vivamente. A cidade ainda tem marcas da loucura dos anos 90. Prédios demolidos ou quase, semi-habitados, marcas de tiros, destruição por toda parte. Duro de ver, mesmo para quem conhece a história e acompanhou os acontecimentos pela mídia.

Dos 4 milhões de pessoas, na Bósnia Herzegovina de antes da guerra, 1 milhão foram embora. Os jovens emigraram, em busca de emprego e melhores condições de vida; os mais treinados e educados deixaram o país. Ficaram para trás os velhos e os menos capacitados. Na guerra de quatro anos, Sarajevo foi bombardeada durante mil dias! Cerca de 250 mil cidadãos morreram ou desapareceram.

Em uma pequena cidade a 50km de Sarajevo, chamada Kresevo, existem hoje 1.600 cidadãos aptos para o trabalho, mas só há emprego para 600. Os outros mil não sabem como passarão o inverno.

A Bósnia Herzegovina, pedaço da antiga Iugoslávia, é uma organização política única no mundo: três etnias dominantes (croatas, sérvios e muçulmanos) somam 94% da população, dividida em duas entidades: a Federação Croata Muçulmana e a República Sérvia. Cada qual tem um governo – presidente e vice – e o governo nacional é exercido por triunvirato que representa as três etnias rotativamente. Os parlamentos são separados, e há um nacional. Mas todos, Executivo e Legislativo, sofrem fortíssimas imposições de uma instituição chamada Escritório do Alto Representante das Nações Unidas.

Criminosos de guerra ainda são líderes de diferentes partidos, o desemprego é enorme, a renda *per capita* é menos da metade da brasileira, não existem investimentos externos suficientes e o futuro é incerto.

Também na Croácia os efeitos da guerra ainda são dramáticos.

Alguém poderá pensar que isso tudo já acabou e não há razão para se falar em guerra nos Bálcãs por enquanto. Pode até ser verdade, mas as feridas estão abertas. Na cidade de Tusla a Força de Paz Russa ocupou a área de uma cooperativa há cinco anos e continua lá.

E há a infindável guerra entre Israel e a Palestina, os atentados do ETA, os seqüestros das Farc, a loucura da Indonésia, os assassinatos do Zimbábue.

Em todos os continentes, periga a Paz. Periga a Democracia pelas razões mais absurdas: religião, raça, idiossincrasias, ideologias, posse de território, vinganças étnicas e até ódio, gratuito e inadmissível. Multiplica-se a tragédia. Valores básicos da eqüidade, a solidariedade e a ética, vão sendo engolidos por ambição, egoísmo, individualismo.

Explode o terrorismo amasiado com a droga, e a esperança, combustível da vida, se perde na poeira da exclusão. Já se fala em uma volta à Idade Média, os privilegiados encastelados em fortalezas para fugir à sanha dos excluídos.

No Brasil, em diferente escala e sob a égide da desigualdade, da iniqüidade e da insensatez, assistimos, como se não fosse conosco, à escalada da violência. O horror e o terror vão se instalando lenta, porém inexoravelmente, ameaçando também nossa Paz, nossa Democracia.

Neste balanço de *réveillon*, assumamos um compromisso: resgatar a solidariedade para salvar nossa Paz.

Roberto Rodrigues é engenheiro agrônomo e agricultor, presidente da ACI e da Abag e professor de economia rural da Unesp.